

CARTAS PARA A VILA BERTA

MIGUEL ESTEVES CARDOSO

CARTAS PARA A VILA BERTA

Manchester, 1975-79

Cartas para o Vilela



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2025

9 DE OUTUBRO DE 1975

O teu silêncio torna-se ofensivo. Versão vermelha: alienando o meio. E, para quem tivesse pensado numa correspondência entre dois pólos, algumas palavras rebuscadas, arremesso, envio, correio, algumas cartas talvez. Mas a «resposta» não é necessária. A «pergunta» é.

São seis e meia da tarde em Manchester. Lá fora, as luzes amarelas nas estradas, a dar prazer à noite, fazem parecer que toda esta grande e fria cidade está embrulhada em celofane amarelo-torrado. É impossível não querer ir tomar o corpo da noite nas mãos, é delicioso vaguear entre o cimento e o asfalto à procura da solidão/angústia que não vem. O que fica são os autocarros brancos e cor-de-laranja, as luzes modestas a morrerem nos poucos bolsos reflectores desta cidade sem espelhos. Pouco a pouco, o cigarro vai acompanhando a coreografia mecânica e amarela. Eu procurei nas ruas todas e nos becos todos e nos fins de buracos desta cidade. Não vi nenhum bocado de preto. Eu voltei para um quarto quente e quis escrever-te uma carta. Eu quis que a frase nunca acabasse, que as palavras rolassem para o papel sem esbarrarem, e que a voz nesta tinta parecesse doente e dolorosa. Mas as palavras escorregavam para os lados opostos quando eu inclinava o papel. E desisti da ideia duma frase que continuasse para sempre e parei nas vírgulas para marcar os pontos no futuro deste pedaço de azul.

Estou a ouvir rádio. Num transístor barato e hongkonguianamente decadente. Eu acho que é a única maneira de ouvir as melodias gratuitas e as vozes plásticas. A música de lata adquire o seu estatuto e, assim, é possível acreditar na magia que sai desta caixa preta. Quando nós

passávamos a noite a fazer fotografia em casa do Zé Vasconcelos, no aperto «bom» de preludins, havia a magia da música enlatada porque não era inteiramente audível, havia a companhia do miserável transístor a ser a coisa mais decadente entre a subtileza duma fonte das damas. Eu acredito nesse conto de fadas que é um transístor insuportavelmente mau. Eu gosto que a voz do DJ anuncie o top ten com a voz a parecer estar a subir os anéis dum possível prazer sexual. Eu caio no orgasmo radiofónico. Com a palavra.

Não consigo deixar de pensar em comboios. Pretos. Fumo espesso. Malas de cabedal velho. Casacos com golas de pele a serem agarrados à volta de pescoços de mulheres que nunca deixaram de ter trinta anos. Apitos. Porteiros antigos a correrem nas gares. Bilhetes gordos em bolsos grandes. E o cigarro mais comprido deste mundo a ser aceso no compartimento mais ornamentado com um fósforo de pau. E o sorriso ao serviço do luxo estende entre os calcanhares de uma mulher parada num determinado ponto no espaço. E um frenesim onde homens pagam as fianças de outros homens perdidos com embrulhos de mapas grossos. As notas têm de ser como lençóis (Trio Infernal) e têm de deslizar entre o vidro e a mão do sorriso velho atrás da bilheteira. Não consigo deixar de pensar em jornais e Vogues antigas e em canetas waterman de tinta permanente azul real, tão largas e gordas que o desejo e a utilidade é usar as duas mãos. Prontos, consegui deixar de pensar em comboios.

Estou a escrever-te uma carta. Estou a beber chá. Estou a ouvir rádio (ainda). Estou a acabar, lentamente, de deixar de pensar em comboios. Estou a fumar um cigarro tão gordo e comprido que eu acabei agora mesmo de enrolar, com os meus dedos já amarelos nas almofadas. Estou rodeado de embalagens vazias, semicheias e novas de Rizla Red. E de fumo (agora).

Há novidades para contar e há coisas interessantes, mas é tão inútil escrever o que precisa de ser rido saudavelmente!

Vilela, tu sabes como são os fósforos na Inglaterra? São lindos! E, neste momento, é verdade, estou também a sentir-me incrivelmente sozinho. É bom. É novo. Para entrar na fase mútuo-adulatória: estive a ler uma das tuas cartas. Alice no país das maravilhas. O papel vegetal

está *tão* lindo. Está amarrotado e pesado e vincado. Gosto muito dessa carta. Para sair:

Vilela – manda-me preludins. Dois tubos. Não tenho. Preciso tanto. Para estudar. Para escrever. É impossível comprar aqui, os farmacêuticos aqui não têm a compaixão lusitana. São maus. Muito maus. Ia dizer que têm caçadeiras com os canos serrados debaixo do balcão para exterminar com uma ou duas fumaças aqueles com aquele pendor para as anfetaminas, mas não digo... Antes digo para me mandares porque eu preciso. Depressa. Está bem? Vá...

Algum dia a nossa história há-de ser escrita. Possivelmente até com palavras. Até aí vai arquivando e começa mandando umas linhas. Se não pudeses escrever manda tabaco (nunca mais de 5 de cada vez) e preludins, que já dá para me ir intoxicando enquanto espero as tuas palavras!

não sem um traço ligeiro de apreensão,

6 DE NOVEMBRO DE 1975

Carlos Vilela: A lembrar muito (tanto) um quadrado em que se contavam histórias, onde se bebiam uma ou duas ou talvez dezassete canecas de cerveja, os egos exacerbados pelas presenças e pela solidão artificial que os bancos emprestavam, os cigarros a serem puxados como gatilhos lindos de uma arma de guerra, o papel, a caneta, a língua e o ouvido sentados num trono, e quatro homens a ouvirem dois homens que contavam histórias que nunca acabavam. A lembrar uma disputa linda: como pronunciar a palavra quatsch.

Assim, para ti, uma história falada muito baixo, e os olhos nunca longe duma votação tão muito bela: mímica, conteúdo, etc...

Um título lindo: **O CEGO FAZ AMOR**

Um autor lindo: Eu

Vou começar a escrever. Não pensei em nada, senão no título. E a verdade máxima que numa história só os títulos e as duas últimas frases contam. Antes de começar: *Trivialidades*: A Carmo diz-me que estás doente. Que estás oh, TÃO doente! Que não me escreveste ainda porque tens estado tão malzinho. Surpreende-me isto numa pessoa que eu imaginaria (e sei) estar à espera de estar oh, tão doente para se sentar numa cadeira de pau, munido de um papel e de uma máquina de escrever para escrever uma carta/poema/história/peça tão muito doente. E a verdade máxima que as melhores cartas/poemas/... são escritas em momentos de grande doença. É a verdade máxima também

que há poucas palavras no mundo (precisamente 4) mais lindas/utedo [sic]/decadentes que a palavra «doente». Eu gosto *tanto* da palavra doente. Vou tentar ser o mais possível.

O CEGO FAZ AMOR

Ele é, de todas as maneiras, um rapaz livre. Quando ele entra nas lojas pequenas desta cidade, ele é, de todas as maneiras, um rapaz respeitado. De manhã, as varinas começam a gritar exactamente dois minutos depois do tac-tac-tac da sua bengalinha desaparecer pelas ruelas. É um prazer vê-lo caminhar pelas ruas, as perninhas a tentarem os passeios, as orelhas a tremelicarem de medinho de cada vez que um automóvel mais ruidoso passa. Muitas vezes mudámos a posição daquele sinal despregado ao pé do cruzamento, para analisar o seu comportamento. Durante 3 anos de brincadeira, o cego só bateu uma única vez com a cabeça na lata dura. Mas todos nós sentados no café tínhamos pena, imensa, quando finalmente nos levantávamos do chão, o estômago um grande buraco dorido. Ele chamava-se Manuel, como o pai – que era um homem normal –, mas toda a vizinhança o conhecia simplesmente pelo «Cego», embora nós, mais maldosamente talvez, lhe chamássemos só «ceguinho». Porquê?, porque ele era – tanto. Ele vivia sozinho num quarto alugado por uma caridade mais endinheirada. A Joana, que fazia a limpeza, descreveu uma vez aquele pequeno buraco onde o cego vivia. Era uma cama muito larga (a Joana dizia que era porque os ceguinhos têm *tanto* medo quando, no meio do sono, caem da caminha abaixo, mas nós não acreditámos), um roupeiro incrivelmente modesto onde ele guardava as suas poucas roupas, todas escuras, com a excepção de uma camisa vermelha-viva, com um estampado de ananases; um presente de um primo mauzinho, talvez. Mauzinho porque Ele não sabia. Ele escolhia as camisas pelas golinhas, pelo tecido. Era uma sanita carunchosa onde Ele fazia as suas necessidades, coitadinho, o que nós nos rimos quando descobrimos a maneira como ele verificava se tinha limpado bem o rabinho, depois de fazer cocó. Tu tinhas razão quando disseste que «era como os animais». E aquela vez que a Joana entrou cedo e viu-o a esfregar os

dentos com tanta ganância, com medo que um bocado de caquinha lhe escapasse à escova. Porque Ele, como todos da sua natureza, gostava de aparecer bem vestido e bem lavadinho. Sabes, é que se eles se esquecem de um bocadinho de sabão na bochechinha, ou de um pouco de creme de barbear no queixo, as pessoas *riem-se* dele. E Ele tinha tanto medo disso. A maneira como ele guardava as peuguinhas para não vestir uma de cada cor, o terror de ter combinado mal as cores, o que acontecia sempre. Para um ceguinho a palavra «cor» é um enorme abstracto, como Deus ou a comunhão. Ele sabia que «os outros», aqueles dos quais era *diferente*, se preocupavam muito com cores e coisas difíceis assim. Ele tentava tanto, nós sabíamos isso, só que ao vê-lo, o corpo comprido e esquelético, os dedinhos agarrados à patética bengalinha como se ela fosse a barca da salvação, nós não podíamos deixar de lhe achar uma certa graça. — Era um facto. O Manuel era um humorista nato!

Aos domingos, ele vinha para o café. Relembrando agora esses tempos, Vilela, acho um pouco cruel o que nós fazíamos automaticamente quando ele se sentava ao nosso lado: falar de cinema. Numa voz *tão* alta. E de paisagens e coisas que Ele não atingia. Sim, ele era um pouco como um animal. E quando dávamos gorjetas gordas ao Castro para que ele indagasse junto dele, depois de Ele pedir o seu garoto habitual: Quer claro ou escuro? O que a gente se mijava a rir. Talvez o Luís tenha ido um pouco longe quando, entre gargalhadas enormes, retorquiu: «Ele sabe lá o que é isso!!» Mas eram tempos bons quando o cego lá ia. Ele era, por assim dizer, o rei da festa. Nós nunca falámos com ele, embora ele escutasse sempre as nossas conversas, o ouvido tão à coca, os olhos horrendos a rolares-lhe nas órbitas, como se talvez ele quisesse espreitar qualquer coisa, pobre diabo! Ele inclinava a cabecinha, batendo com o pé no chão em jeito de paranóia, e levantava e baixava o queixo enquanto apalpava a mesa para encontrar o pires, que um de nós maldosamente tinha mudado de posição. É uma coisa que *faz tanto* mal a um cego, mudar as posições das coisas. Isso desorienta-os completamente e Eles sentem-se mais pobres diabos que nunca. Às vezes quando acordamos no meio da noite, numa cama que não conhecemos, não sabemos onde está a janela ou a porta. Para um

ceguinho, a vida inteira é uma sucessão de, 24 horas por dia, acordar em camas que não conhecem, com a agravante de não poderem abrir os olhinhos (embora houvesse cegos como Ele, que mexiam os olhinhos confusos e lactosos freneticamente, como que para ameaçar ver, embora eu me incline mais para pensar que é um esforço que Eles fazem para parecerem pessoas normais.) – Ah, aquelas tardes longas passadas com Ele, no café! Como se o próprio Nosso Senhor tivesse pensado olhando para a primeira centena de homens: «Pera aí...os homens estão tristes e pesarosos – precisam de alegria, de um pouco de riso e de felicidade...» Foi aí que Deus decidiu mandar para a Terra o primeiro Ceguinho. E Deus viu que os homens riam e que, de uma maneira geral, se divertiam à ganância. Deus depois tentou os Maluquinhos, os Surdinhos, os Moucos, os Aleijadinhos, os Mongos... mas nunca repetiu tão em grande a sua primeira façanha, o seu primeiro sucesso. Porque não há nada no mundo que consiga mais gargalhadas saudáveis do que um bom Ceguinho. Porquê? Porque as possibilidades de brincar com eles são infinitas! Mesmo nós não esgotámos as possibilidades... Lembras-te daquela vez em que lhe demos uma revista pornográfica sueca para as mãos e o pobre Bicho levou-a ao nariz? Para cheirá-la, como um animal! Se pudéssemos passar tempos tão bons agora como passámos então! E as vezes que, de noite (porque é sempre noite para esses desgraçados), o seguíamos pelas ruelas, muito de leve, para lhe meter medo!

Lembras-te como o Pobre Bicho virava a cabeça, como uma puta de uma coelha assustada? Como ele sacudia a cabecinha, pobre cabrão, na esperança talvez de que um raio divino o fulminasse naquela altura para que ele pudesse ser como os outros! Para ele era só escurinho, só trevas, só preto. E essa a única cor que Ele conhecia. Outra boa anedota foi aquela vez em que, no café, como sempre, falámos alto, a fingir que estávamos a ler o jornal, enquanto o Animal sacudia a cabecinha a tentar apanhar as palavritas todas. Nunca mais me hei-de esquecer da sua carinha quando ouviu as nossas palavras: «Miguel, olha, lê esta merda aqui no Diário Popular!» E depois: «O prémio Nobel da Medicina foi atribuído hoje, em Gotemburgo, ao Dr. Varenstein do Hospital Real de Viena, pela magnífica descoberta que ele, e os seus colegas, os

Drs. Gandren e Von Marker apresentaram ao mundo. Com a valiosa pesquisa destes ilustres cientistas é agora possível, por meio de um simples comprimido, tomado apenas uma vez, fazer com que os cegos possam outra vez, ou pela primeira vez, ver.» Ai, Vilela, vistes como a ceguinha apalpou logo para encontrar o teu braço, tão visivelmente excitado, como uma cadela no cio, e balbuciou palavras ininteligíveis, palavras de esperança e de felicidade? Lembras-te? Gostei tanto do teu tom áspero e malcriado quando lhe retiraste o braço e disseste, com desprezo; «Cala-te Cegueta!» Eu já estava prostrado no chão a rir, mas quando olhei para a carinha Dele, a boca aberta e obscena, e depois para ti, mijado a rir, quase que morri, juro. Ai o bicho! Já estava a afiar a moca, o tareco! Já estava a pensar em Viena e no Dr. Varenstein, o filho da puta! Ui! Foi uma «Partida» linda. E depois, o melhor da festa – quando ele queria BATER! Uma caquinha de um cego a querer bater em duas pessoas normais! Hoje vejo que fui mau, quando, no calor do intenso divertimento empurrei aquela figura triste, agitando a bengala no ar e proferindo palavrões de ceguinho, causando uma queda violenta. Quando ele bateu severamente com toda a força, com a cabecinha no ferro do balcão, sacudindo o cabelo, e parecendo oh tão desajeitadinho, eu tive pena. Mas foi só um segundo, quando vi que Ele estava só incrivelmente tonto e zonzinho, pude-me rir contigo e com o resto das pessoas. Cambaleando, Ele quase que fugiu do café, indo de encontrão em encontrão(!), até se esqueceu de pagar o garoto. Nós pagámos-lhe o garoto. Valeu os vinte e cinco tostões.

Ele tinha 43 anos. Era um Cego já bastante avançadinho. Mas não foi só a sua idade e o seu físico patético que contribuiu para a alegria e o «joy» daquela noite de Novembro. Como muitas vezes dantes, combinámos com a Joana que ela deixasse as cortinas do quartinho do cego abertas. Quando não tínhamos nada para fazer, íamos espreitá-lo, a Viver no seu quartinho alugado. A maneira como ele cozinhava, a apalpar e a cheirar a comida como o pobre animal que era. E melhor de tudo: como ele urinava! Caminhava para o canto onde estava a sanita e, ajoelhando-se quase religiosamente, estendia os bracinhos para sentir os limites da sanita. Com uma manita ainda a segurar a borda, tirava a pilinha e, com muito cuidado, para que ele não

encharcasse o chão de chichi, coitadinho, quase que metia o pilim dentro da sanita, a esforçar-se para não mijar com muita força! Nós púnhamos a mão em frente da boca, para não se poder ouvir o riso, porque o Cego, como um pobre animal, tem um sentido auditivo muito desenvolvidinho. Ai, as noites bem passadas a observar o ceguinho a Viver! Mas aquela noite de Novembro bateu todas as outras, foi uma das noites mais felizes da nossa vida! Os meus olhos (!) enchem-se de lágrimas, quando aquelas imagens deliciosas enchem de novo a minha cabeça. Embora depois não tenhamos contado a ninguém, não resisto em descrevê-la, só mais esta única vez, os meus dedos a terem dificuldade em agarrarem as teclas porque a minha boca só ri, ri... ri.

Tínhamos estado a beber muitos cafés e a falar de livros. O Porta estava vazio, uma das luzes não funcionava, lembras-te? Eram 11 e tal quando eu sugeri que fôssemos até casa do Cego rir um pouco. Tinha sido uma noite pesada e precisávamos de um divertimento ligeiro. Não tínhamos dinheiro e há muito tempo que não tínhamos visto o Ceguinho. Andámos pelo carreiro que vai dar àquela casinha de um só quarto e espreitámos pela pequena janela. O Cego estava sentado numa cadeirinha, a única, e parecia olhar para o espaço, aliás como os cegos parecem estar sempre. Ficámos ligeiramente desiludidos, parecia que não ia haver acção nenhuma. Pensámos «Deus queira que lhe apeteça arrear uma mijinha», para justificar o caminho andado.

Ficámos aí uns dez minutos a olhar para Ele, sentado na cadeirinha. Foi quando estávamos quase a ir embora que ele se levantou. Como a cadeira estava de costas, não lhe vimos a carinha laroca. Levantando-se virou para o lado da sanita, e nós sorrimos a antever o bicho a fazer chichi. Depois, atónitos, reparámos na breguilha do Cego. Dela saía um chumaço enorme, uma grande e aterradora – sim, erecção! Os olhos esbugalhados, vimos o Cego desapertar-se e retirar o órgão tumescente. Em seguida, ajoelhou-se em frente da sanita, oferecendo-nos o espectáculo em perfil. E, agarrando-se tão obscenamente, masturbou-se, com tanto cuidadinho durante o orgasmo para não borrifar o chão de sémen. Os grunhidos fraquejantes do Manuel, a mão velha e esquelética a girar depressa, a cabecinha virada para trás, os olhos fechados. Os sapatinhos baratos a tremerem...

No dia seguinte, juntámo-nos no café. Rimo-nos durante 15 minutos sem parar, muitas vezes caindo no chão e rolando, indefesos, nas beatas. Relembrámos aquele espectáculo segundo a segundo. Rimo-nos quando especulámos sobre as fantasias sexuais do Cego... Ele não podia ter fantasias! E depois rimo-nos tanto quando decidimos que a única fantasia sexual que aquele pobre diabo podia ter era: Ver. Sim, mas quando nos rimos mais, desta vez a perder a respiração, foi quando repetimos pela milésima vez o que tu gritaste numa voz tão alta, segundos antes de o Cego atingir o orgasmo desgraçado e pobre, o que tu vociferaste, para que ele te ouvisse bem e a bom som, prostrado sobre a pequena sanita:

(entre gargalhadas)

«Olha, o Cego a Fazer Amor!»

F I M

que agarra a cama que agarra o quarto que agarra o
 escuro que agarra a noite que agarra o medo...

para nós o tilintar das nossas bengalas
 no mármore
 de uma atlântida que não pensávamos ser
 de fingir,

f) um segredo financeiro: os fabricantes de fósforos nunca aumentam
 o preço das caixas, simplesmente tiram 3 ou 4 fósforos de cada caixa...

g) assim: era uma velha com dedos longos, a pele a segurar as falanges
 como meias enrugadas por lavar, e uma mulher tão linda toda de
 branco que corriam à volta daquela

h) mesa de jogo

i) tu disseste, eu acreditei:

porque quando as árvores
 largarem os braços que se
 envolvem em volta dos cascos
 de naus imaginação morte
 imaginação,

subir.

traço de inka negra no apel a ecorrer, exturas equenas e exturas atulo-
 nas, como os ichos com ernas tão uinto ompridas e queimáveis) [sic]
 phsst (phsst) (phsst) (phsst)

a agarrar pela vida no pescoço
 daquele deus que é caco toda a vidra
 e que tosse entre dois velhos que tosse
 entre estas 3 coisas: S. Pedro, uma cerveja e uma cidade viscosa,

uma Nikon f2 que não existe: uma fotografia na revista fotográfica
 mais gorda, um golpe que não acontece, uma palavra que quer e con-
 segue exprimir tudo: Nikon (não/nunca a palavra é f2).

para nós o suicídio silencioso
 das gaiotas que não vemos:
 aquelas mãos enormes
 que ocupam as cabeceiras
 dos sábios distantes
 tremem?

c) Não era uma máquina nova.

d) e guardamos os farrapos
 no vento

um dia a marcar passagens para um inverno
 que se queira como santo de pau
 numa cadeira
 menos mística, mais linda?

horas a vender sonhos: «se tropeçares numa saia de estrelas
 e sentires que as nuvens te manuseiam com insectos...»
 e a beber o café no papel
 e o papel no café:

 aqui no ombro da senhora memória
 um poiso quieto e belo
 onde as asas caem
 como (sendo?) lágrimas,

na senda de um acordeão que seja Fellini e que seja magia e que acenda
 (como uma vela de aranhas) no escuro e que cheire sempre e sempre
 forte como

e) era, talvez, a máquina mais linda do mundo...

j) algo mais lágrima,
 algo mais dor,
 algo mais saudade,

que a voz dum
 negro?
 ou uma palavra com todas as outras na janela
 a acenar no quente
 para a boca?

- k) quarenta «beatles» em 1965,
 quarenta «chuck berrys» em 1966
 quatro brubecks em nós a cair doce e macio,
 dedos negros e tã usados estalam
 no ar,
- l) mais importante que esse cigarro a gritar
 por trás de tudo em que tocaste
 mais longe que as almofadas amarrotadas
 mais perpétuo, mais lindo que essa coisa amarela e fofa
 a passear entre as vazas,
 mais comprido que aventar «BANDIDO!»s seguidos para o colo
 preocupado de um Vilas Boas,
 mais riso puro que muletas,
 – porque é que os carneiros foram chacinados em «A Paixão»?
- m) «...uma mosca a perder-se no horizonte das suas asas»?
- n) os bocados de ti que deixaste espalhados por todo o lado
 ou um café theatre
- o) repete:
 a introdução antes de «Skybird» de Neil Diamond porque o
 meu rádio decadente está a gritar isso agora,
 ou essa procissão de patinhos atrás da pata-mãe pelas margens
 do rio, as ervas a abanarem no vento, e os rabinhos penudos a
 balouçarem loucos no sol?
 bradbury? bergman? godard? la dolce vita? aquele filme que
 está sempre a passar que se chama «dois táxis»? lovecraft? o árabe
 louco? o Necromancus ou uma bica?

p) uma batalha total, um gambito de rainha, um squeeze, um toque de génio que se junta às duas últimas, uma mesa de árvores, um musarainho kamikaze, uma fonte edgar allan poe, uma «porcaria» numa casa, um dos dois azevedos ou um duplo bitoque ou um triplo, ou um cuba libre de 9\$50?

uma noite que se passa a discutir todas as posições sexuais experimentadas ou um charro do tamanho dum braço? a maneira de matar divirta-se numa tarde, dois numa tarde, uns desenhos com fabers, uns desenhos com rotrings ou então um contraluz particularmente sensível. Um pacote de biscoitos dinamarqueses mais finos que o ar e uma canasta perpétua ou um gamanço de presunto aveirense, ou uma conversa que estende a noite?

um daiquiri que Deus preparou quando passou pela carruagem? uma colecção de contos por cima de cilindros metálicos para impressionar ouvidos incautos ou uma definição apurada e longa de «burguês» para um marinho, ou uma noite numa fotografia? Um pimms 1 2 3 4 5 6? um socialismo moderado? um tabuleiro de xadrez cheio de areia ou o alcançar subtil e metódico de 20\$00 na boca de um peixe de porcelana?

q) uma mão de poker forrada de ouro e outra eivada de merda?

um bluff que começa com um olhar, que continua com um sorriso e uma palavra e que termina

na batota mais descarada?

um fascismo lindo!

CARALHO! UMA ÉTICA!!!!!!!

r) Era a máquina mais invencível e mais bela da fábrica.

s) o amor do primeiro

o desespero hitchcockiano do último

cigarro? Ou a gaiivota imortal?

ou um ui, ou um à ganância, ou um

UTEDO, CARALHO!

uma política de consumo maravilhosa
que entra em Foleirice com um coldre
cheio de bicas que não acabam?

Um filme desenhado, argumentado, montado, cronometrado, interpretado, fotografado, sonorizado, estilizado, realizado e projectado inteiramente numa mesa de um café chamado nicola? Ou uma estadia de ovos mexidos e bridge quando o pai Cardoso não está. Ou aquele balcão de ginjinha escavado, ou então a única aventura de palavras numa sala em Évora com um homem que gosta de Deus e de outros homens? Um bouquet de directas? Os acordes de «A Laranja Mecânica» num quarto em Carcavelos ou mil sonhos? Uma cave? pipocas e royal? mochilas? manhattan afogado? papel? canetas? anedotas mortais com Ray? Disputas, discussões, zangas, controvérsias, temperamento, bridge, ou quem tirou a fotografia da Carmo no John Bull, «energia pura» no pedra ou... um abraço cheio?

t) duas pessoas que riem muito. Duas pessoas que gritam uis como crianças ao menor sinal de luxo ou decadência. Duas pessoas a saberem dor, a saberem palavras, a saberem medo. A saberem ser maravilhosos mentirosos. Num encadeamento de dias que só são manhãs de uma noite sem relógios.

u) silêncio

v) Uma máquina que faz amor ao café com espuma? Uma máquina que é poesia na noite, e utedo na manhã seguinte? Uma luz encarnada por detrás das cartas de um casino que nunca acabou? Membranas molhadas na mesa onde a máquina sorri/canta/DIZ.

w) Um pedaço de pureza numa sinfonia de luz?

x) Uma máquina que

y) Faz

z) Café.

gelium

P. S.

claro que compreendes a dor que não é linda mais, a dor que é faca, e que, durante a maior parte desta «carta», estive a, quase descontroladamente e sempre sentimentalmente,

a chorar.

JANEIRO DE 1976

Longe do buraco nesse sonho, com
exércitos perdidos
e rosmaninho em montanhas, esse vento te faça correr assim

dois corpos fumados na lata
– um dedo sujo a virar as páginas
e aquele cheiro das lojas no cio,
súbitos e brief encounters assim,

arca numas costas, rua pelos olhos
e caminho,
vemos os nativos com os seus brinquedos e os seus filhos
brilharem, como filmes,
no escuro

temos nos punhos os números que outros perderam
a escreverem cartas que não ressonavam
como gatinhos, esse cobertor antigo e cinzento,
as transparentes loucuras da noite,

seguramos nela, a mentira,
sacra e sagrada, tomada corpo e linda
nas palavras palavras palavras

nas oh tão lindas
palavras

alcançado o fogo, ou o verão
esse momento em que olhamos
as costas no espelho
– e os números estão lá todos,

não me lembro bem, mas penso que nos rimos.

como apóstolos ridículos,
como, talvez,
amigos,

e a esplanada no cigarro aceso
gritava, as cobras dentro dela tremiam,
– eram as nuvens que vestiam,
outra vez com música,
os óculos escuros

anda, aqui,
vem. ver. o massacre...

a capacidade de ser doentio vencida,
a doença galopante
e aquele passar de tempo
era, simplesmente, um fechar

sobrevive noite, venha dia,
quem ficou para pagar as velas,
quem quis trazer a mesa,
as caras das mulheres e a verve
dos valetes, brilhando,
como filmes,
na vaza aberta,

em sangue?
...Bertrand, rindo
amava-nos de escapismo
o tamanho dessas montanhas de tabaco...

ontem. em manchester.
nevou.

agora. que há. neve.
como posso ir embora,

assustada, a mão, a noite,
o e receptáculo pobre guardando café,
e o risco negro em papel
proferindo obscenidades
a esses deuses que encontramos
caídos

e como era natal ele foi de amarelo,
lançando do pau
umas boas lições
nesses mendigos insolentes,

ele aprendeu na noite a estupidez
da morte, a beleza da tortura,
a dor,

pendurada (como uma casa?)
na chuva,

uma vez morta eu vim trazer
os animais
que me tinham vendido
esse fofo infinito segurando-lhe os cabelos
de dó
ou maldade, já não me lembro bem...

e no dia 23 de novembro de 1975
eu vi. um filme.
chamava-se:
– A salamandra.
sim...

coberto de dinheiro
com os loucos das fábricas,
esse nome rasgava as roupas
do riso,
com sinos/pregos,
– não rezava.

o médico encontrou
o rei que ia nu, no seu fato invisível,
– as lapelas um tom lindo
de verde.

claro, o rei,
não ia nu. eram os camponeses
e os pobres e os pretos
que não compreendiam.

uma mala de xadrez parada numa estação

fica, oh fica,
oh tão parada.

e nesse país,
qual de nós, doendo,
não segurava os ombros
frios
de jean harlow?

a continência da chegada.
a poesia da hora.
os acabares e os
pretos e brancos,

porquê, um cego,
assim?

a mandíbula deliciosa
carregando, levando...
o copo segurado como se fosse
(e era)
uma estrada: longa, mas ainda mais longa...

nessa aldeia sem cavalos
nem comboios negros e 1930 carregados de fumo
nem jean harlow, luz entre o escuro
nem madeira, cabedal e aguardente com culbertson
nessa aldeia sem fantasmas nem missas,
nem mortes, nem dores, nem cores
nem poesia, nessa velha merda de uma aldeia
sem casas de mármore negro nem dursts 601-m
nem orquestras vivas, debaixo do toque do cristal,
sem sótãos, sem toulouse-lautrecs pairando
doentios nos bares que não existiam,
nessa aldeia sem sonho,
oh merda!, queremos mais missas negras,
avé...
nessa aldeia sem dinheiro nem água nem neve

havia tudo
multiplicado por mil
e depois,
como sempre
(um muro e uma padaria)
elevado a dez à sétima

de repente.
muitas vezes repetidas.

muitas vezes.
lindas.

a árvore emagrecendo
debaixo do sol, os soldados todos mortos
varrendo na espuma, sal (?)
– só as coisas.

a cortina partiu,
o toque da fêmea
quebrou, uma noz
debaixo da dor
– era tudo como dantes,

a casa pequena em frente das obras,
as azeitonas feitas rainhas o ano inteiro,
– desfiando papel, trincando essa carne invisível
sorrindo, sorrindo